

Maílson viaja em busca de liberação de crédito

17 Beatrix Abreu

BRASÍLIA — O governo brasileiro espera para a próxima semana, quando o ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, estará nos Estados Unidos, a liberação dos US\$ 600 milhões devidos pelos bancos credores desde dezembro do ano passado. Com a obtenção destes recursos, que sequer ingressarão no país porque compensarão a parcela de juros da dívida externa vencida este mês, as autoridades econômicas iniciam uma nova e difícil rodada de negociações: o desembolso da última parcela do empréstimo dos bancos credores, também de US\$ 600 milhões.

O secretário para Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, Sérgio Amaral, que estará acompanhando Maílson nos próximos dias em Washington e Nova Iorque, reconhece ser "pouco provável" que o desembolso da última parcela aconteça ainda em abril, como estava previsto. O problema é que a liberação está condicionada ao cumprimento das metas do acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), no ano passado, o que não ocorreu. Os dados divulgados ontem pelo Ministério da Fazenda indicam que a meta de déficit público nominal estourou a programação acertada com o FMI no programa de ajustamento.

A expectativa, porém, é de que as negociações ocorram em "clima de normalidade" e que não ocorram "problemas maiores", como ponderou Sérgio Amaral. Segundo ele, da mesma forma como os bancos credores concederam *waiver* (perdão) ao Brasil pelo descumprimento da vinculação da liberação de seus recursos com o empréstimo do Banco Mundial ao setor elétrico, o FMI adotará o mesmo procedimento. Ou seja: os negociadores brasileiros acreditam que o *board* (diretoria executiva) da instituição concederá o perdão ao Brasil e os US\$ 600 milhões serão liberados "depois de algumas fases burocráticas".

Inflação — Maílson seguiu ontem para Washington, onde participará da

reunião do Comitê Interino do FMI e do Comitê do Desenvolvimento do Bird, que permitirá aos países em desenvolvimento discutir, com maiores detalhes, a incorporação destas instituições ao Plano Brady, o programa de redução do estoque da dívida externa anunciado há um mês pelo secretário do Tesouro norte-americano, Nicholas Brady. Após esta rodada, o ministro e Sérgio Amaral vão para Nova Iorque para uma reunião com banqueiros norte-americanos, que será precedida de um encontro com o diretor-gerente do Fundo Monetário, Michael Camdessus, e o presidente do Bird, Barber Conable. A aceleração da taxa de inflação em março certamente representará um complicador inesperado nesta nova rodada de negociações, como admitiu Sérgio Amaral. "A inflação de março — comentou — quebrou um pouco a expectativa."

A agenda oficial prevê para hoje a reunião do Grupo dos 24, composto pelos países em desenvolvimento, com participação no Banco Mundial; amanhã, Maílson estará passando a presidência do grupo para o Gabão. Segunda-feira será realizada a reunião do Comitê Interino do FMI, quando serão discutidos temas como as perspectivas da economia mundial e a estratégia de negociação da dívida externa. Está programado um discurso de Maílson na defesa da implantação de um programa de redução do estoque da dívida externa dos países em desenvolvimento.

Na terça-feira, dia 4, os programas de ajustamento ocuparão a reunião do Comitê de Desenvolvimento do Bird. Não se espera que neste encontro se discutam os resultados destes programas — se são bons ou maus —, mas a necessidade de se alterar a filosofia que predomina nas instituições internacionais de crédito de defendêrem ajustes nas economias dos países subdesenvolvidos incompatíveis com a sua capacidade de realização, já que seus "desenhos", como definiu um assessor, são absolutamente desvinculados da realidade sócio-econômica daqueles países. No dia seguinte, um encontro com banqueiros norte-americanos encerra a visita de Maílson.